



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

O uso da música enquanto estratégia de Ensino-Aprendizagem. Uma reflexão sobre a experiência do subprojeto PIBID – UNESP/Franca

Márcia Pereira da Silva
Andreia Aparecida Branquinho Carvalho

Como citar: SILVA, M. P.; CARVALHO, A. A. B. O uso da música enquanto estratégia de Ensino-Aprendizagem. Uma reflexão sobre a experiência do subprojeto PIBID UNESP/Franca. *In*: MENDONÇA, S. G. L.; FERNANDES, M. J. S.; TORRES, J. C.; MORELATTI, M. R. M. (org.). **PIBID/UNESP Forma(A)ção de professores: percursos e práticas pedagógicas em Ciências Humanas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 91-104.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-973-3.p91-104>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O USO DA MÚSICA ENQUANTO ESTRATÉGIA
DE ENSINO-APRENDIZAGEM.
UMA REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DO
SUBPROJETO PIBID – UNESP/FRANCA¹

Márcia Pereira da Silva
Andreia Aparecida Branquinho Carvalho

INTRODUÇÃO

(...) é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia

Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky

No ano de 2012 a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca integrou o Projeto PIBID da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, por meio do curso de História, único na unidade que oferece a habilitação em Licenciatura, além do Bacharelado.

¹ Agradecemos o Bolsista de Iniciação à docência Willian Parreira, personagem central da experiência didática analisada no presente texto. o aluno foi bolsista durante toda a sua graduação, encerrando sua participação no Projeto na primeira metade do ano de 2016.

<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-973-3.p91-104>

Naquele momento o foco do Projeto, com vistas à formação continuada de qualidade dos licenciandos membros do PIBID, bem como à racionalização e aprimoramento das aulas de História nas escolas parceiras, tinha como foco o ensino de História Contemporânea a partir da construção de histórias em quadrinhos enquanto instrumento didático pedagógico. Dois anos depois, o projeto foi ampliado, passando a dedicar-se ao ensino de História por meio de metodologia que problematizasse realidade e ficção, em sintonia com os atuais desafios da educação para a área do conhecimento em questão, instrumentalizando oficinas artísticas de todos os conteúdos da História, cuja produção material resulta em histórias infantis e jornais, frutos da interpretação histórica e imaginação dos próprios discentes do ensino fundamental e médio.

Atualmente trabalhamos com dois coordenadores de área, três escolas parceiras, cinco supervisores e trinta e um bolsistas de Iniciação à Docência. As escolas públicas em que realizamos o projeto são extremamente distintas entre si, o que tem se mostrado muito rico em relação às diferentes experiências que proporcionam.

O trabalho integrado em sala de aula entre os supervisores e os alunos bolsistas do PIBID buscou estabelecer relações entre o desenvolvimento do projeto e a estrutura escolar como forma de contraposição não apenas das práticas de ensino e aprendizagem tradicionais e desprovidas de significados definidos segundo a teoria da História, mas também das concepções e finalidades do ensino de História.

A prioridade do Subprojeto nunca foi o uso da música. No entanto, no cotidiano da sala de aula, várias metodologias foram utilizadas como complementação das oficinas, entre elas, a música. Até aquele momento sabíamos como as atividades musicais eram propícias para o ensino infantil, mas imaginávamos que a música era mais facilmente utilizada com alunos mais jovens, ainda na primeira, segunda e terceira infâncias, para os quais as canções são, inclusive, imprescindíveis para noções de espaço e lateralidade. Com o passar do tempo, chamou-nos a atenção como atividades musicais se mostraram relevantes mesmo para adolescentes e jovens do ensino fundamental e médio.

Sabemos, “a música faz parte do cotidiano das pessoas. Ela movimenta o corpo, mas, também, movimenta ideias, é carregada de imagens, de símbolos que podemos extrair e proporcionar discussões educativas para a aprendizagem escolar” (SILVA; MENDES, 2012, p. 2). Parafraseando Emilianne Silva e Márcia Mendes (2012), fica-nos a indagação: Como transformar aquilo que se resumiria, a princípio, em uma simples mensagem musical em um instrumento didático, passível de ser utilizado em sala e facilitar a compreensão dos alunos?

O objetivo desse texto é apresentar e analisar como uma estratégia de ensino aprendizagem antes pensada como complementar, acabou se tornando rico instrumento de melhoria do ensino de História para a escola pública, bem como propiciou frutíferas (re)significações para as concepções sobre ensino de História dos membros docentes e licenciandos do Projeto. Optamos, em muitos trechos desse texto, pela escrita narrativa, entrecortada, aqui e ali, por reflexões teóricas acerca da música no ambiente escolar, para que o leitor perceba, da nossa perspectiva, como a música ganhou espaço nas reflexões do SubProjeto PIBID sobre o ensino de História e a formação continuada de professores.

ATIVIDADES MUSICAIS: DA INFÂNCIA AO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

É conhecida a importância da música para o ensino das crianças. O universo da educação infantil, aliás, tem cotidiano repleto de atividades lúdicas e musicais. Realidade semelhante pode-se verificar nas séries iniciais do ensino fundamental.

Já lembrou Leda Maffioletti (2001, p. 123) que todo professor da educação infantil facilmente enumeraria os benefícios da música para as crianças, tanto em relação ao desenvolvimento humano – “esquema corporal, coordenação motora, lateralidade, expressividade e criatividade” – como no que diz respeito aos conteúdos propriamente ditos – “os animais, as cores, a noção de número, a alimentação”, entre outros. Mas, adverte a autora, é tão disseminado e automático o uso de canções que, na maioria das vezes, ninguém presta muita atenção ao conteúdo delas. Vejamos dois

exemplos dados pela autora como músicas utilizadas para o dia das mães e/ou da família:

(Primeiro exemplo)

Mostrai o pezinho

Mostrai o sapatinho

Mostrai o trabalho

Da boa mamãezinha

Que lava, que lava...

Que lava direitinho

Que passa, que passa...

Que passa direitinho

(Segundo exemplo)

A família

Aqui vive alegre pessoal

Família tão original

Um pai, uma mãe, uma irmã, um irmão

Nenê miudinho e gentil...

Tão forte é o papai popegar

Tão meiga a mãezinha do lar

A mana é tão alta, o irmão é menor

Nenê vamos já embalar...

Parecem-nos claros os inúmeros problemas das duas músicas tomadas como exemplo. Mesmo sem recorrer às problematizações feitas por Maffioletti salta aos olhos, no mínimo, a concepção conservadora da formação familiar, os papéis pré-atribuídos a cada possível membro da família, resultando em percepção autoritária e preconceituosa da realidade social.

Utilizamos o exemplo de músicas do ensino infantil para deixar claro que a utilização delas para o ensino deve ser tomada com muito cuidado, passando pela competência e habilidade do docente. Apesar dessa observação, a utilização da música tem, na grande maioria das vezes, aspectos positivos. No caso da História,

[...] como função cultural, o exercício da música possibilita vivências sentimentais pretéritas e presentes de uma época, pela percepção de como o compositor diz o que diz. Como código musical envolve a ideologia e a “maneira de ser” de determinada época, sua vivência estimula formas de pensamento distintas do rotineiro, o que significa dizer que a música possibilita ao educando atentar para seus sentimentos, alimentando-os com experiências vivenciadas e resignificadas em novas relações. [...]. Expressando sentidos irredutíveis a palavras, a música cria um espaço em que os sentimentos dos educandos acabam por encontrar novas e múltiplas possibilidades de ser (SEKEFF, 2007, p.133).

Cuidados com a utilização de música também devem ter os professores do ensino fundamental e médio. É bem verdade que quanto mais nos aproximamos do ensino médio mais raro fica o uso da música, e quando utilizada, é escolhida em virtude de letras que geralmente informam exatamente acerca do conteúdo proposto para a unidade em estudo. Mesmo assim várias questões se colocam, entre elas:

- a recomendação de que a música seja do cotidiano dos discentes;
- a importância de se relacionar com o hoje para (re)significar e apreender o passado;
- a utilização metodológica da canção.

Percebemos que ao privilegiar o aspecto da letra, várias possibilidades se perdem em relação à riqueza da utilização da música para o ensino. Mas ressaltamos, trata-se de aulas de História, envolvendo profissionais de História, o que por si só já explica nossa limitação com esse tipo de atividade.

A narrativa que se segue informa sobre a experiência de utilização da música enquanto instrumento de ensino-aprendizagem, realidade vivenciada em meio aos erros e acertos que, no limite, representou significativo crescimento didático-pedagógico para licenciandos e coordenadores do PIBID, muito mais do que para os alunos da escola pública.

DA UTILIZAÇÃO DE MÚSICAS JÁ GRAVADAS À COMPOSIÇÃO COLETIVA DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA

No ano de 2014, um dos Bolsistas de Iniciação à Pesquisa, graduando do Curso de História, foi aprovado na seleção para ingresso do SubPrograma PIBID para o Projeto que duraria de 2014-2018. Amante da música e com facilidade para a composição, esse aluno nos interrogou sobre a possibilidade de acrescentar atividades musicais no cotidiano de suas intervenções na escola pública. Acolhemos a sugestão com entusiasmo. Da nossa perspectiva, a partir do lugar do pesquisador em História ciente da importância do empirismo para a construção do conhecimento e do ensino, a música pode ser tomada enquanto fonte história.

Foi com a Nova História que diferentes tipos de documentos e fontes foram definitivamente reconhecidos enquanto legítimos para a produção e o ensino de História.

A História Nova “ampliou o campo do documento histórico”, admitindo múltiplas versões deles: “escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, [...] uma fotografia, um filme, uma ferramenta, um ex-voto [...]” (LE GOFF, 1990, p. 28). No rol dos documentos históricos identificados pela Nova História estão, obviamente, a literatura, as histórias infantis, os quadrinhos e a música.

Além de reconhecer a música como fonte, sabíamos que aquela era uma oportunidade da experiência resultar em produção de rico material de orientação didática. Afinal,

[...] é preciso reconhecer o óbvio: o professor de história não opera no vazio. Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos na escola e sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educativos. Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos no processo de ensino e aprendizagem outras fontes de saber histórico, tais como o cinema, a TV os quadrinhos, a literatura, a imprensa, as múltiplas vozes dos cidadãos e os acontecimentos cotidianos (FONSECA, 2003, p.37).

Soma-se ainda o fato de que, instrumentalizar-se para procedimentos metodológicos para o ensino de História entre os adolescentes e jovens está entre os objetivos e habilidades esperadas para o egresso no Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura da UNESP de Franca: “o egresso deve ser capaz de transpor conhecimentos relacionados à teoria para o cotidiano da sala de aula, tendo em vista procedimentos metodológicos condizentes com o espaço e tempo em que atua (UNESP, 2012, p. 4).

Concordamos com Schmidt que, “em relação à transposição didática do procedimento histórico, o que se procura é algo diferente, ou seja, a realização na sala de aula da própria atividade do historiador, a articulação entre elementos constitutivos do fazer histórico e do fazer pedagógico” (SCHMIDT, 1998, p. 59).

Ainda sobre o uso da música no ensino de História, afirma Marcos Napolitano que é possível

Considerar as fontes áudio visuais e musicais como um outro tipo qualquer de documento histórico, portadora de uma tensão entre evidência e representação [...]. Perceber as fontes áudio visuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, analisando, a partir daí, sua condição de “testemunho” de uma dada experiência histórica e social [...]. Articular a linguagem técnico-estética das fontes áudio visuais e musicais e as representações da realidade histórica ou social nela contida (NAPOLITANO, 2006, p. 281).

Por todas as reflexões anteriormente expostas, apoiamos o bolsista de Iniciação à docência quando ele mostrou interesse em utilizar música nas atividades cotidianas da escola pública.

Naquele momento, na Escola Estadual Dante Gellini, os nonos anos do ensino fundamental, estavam para iniciar os estudos do período militar no Brasil republicano.

No material em uso na escola pública, a famosa “cartilha do Serra”, a situação de aprendizagem 4.º “Memória e Imagens da ditadura militar brasileira”, no Caderno do Professor, estão assim anunciados:

Conteúdos e Temas: Golpe Militar; ditadura militar; repressão; censura; propaganda oficial; “milagre econômico”; direitos humanos; movimento estudantil e subversão.

Competências e habilidades: trabalho em equipe; treino da iniciativa e da autonomia na busca de dados e informações pertinentes a tema, além da possibilidade de entrar em contato com as fontes de informação. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2014, p. 29).

As relações com os demais conteúdos anteriores e posteriores estão estabelecidas com o governo de Getúlio Vargas e João Goulart, bem como com a Guerra Fria e a abertura política.

Num primeiro momento, incentivados à utilização da música, supervisor e bolsista, procuraram música adequada ao conteúdo naquele momento.

Notadamente, a primeira música foi então aquela mais conhecida sobre o período da ditadura militar. Assim, bolsista ID e supervisor levaram a canção intitulada “Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré:

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria

E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

(Geraldo Vandré, “Pra não dizer não falei das flores”. Álbum: *Geraldo Vandré*).

Ora, mesmo que a música seja apropriada, com inúmeros elementos do período que podem ser explorados, logo percebemos uma questão: os alunos do 8.^a série/9.^o ano D do ensino fundamental nunca ouviram aquela canção, tampouco sabiam quem era Geraldo Vandré.

Mesmo admitindo que fora positivo apresentar-lhes o compositor, sua história, a música de protesto, o ritmo e a letra da canção, logo per-

cebemos que não cuidamos da orientação inicial para o trabalho didático com música: não tínhamos partido da realidade dos discentes. Afinal, que intimidade aquela geração poderia ter com a música popular brasileira ou mesmo com músicas de protesto dos chamados “anos de chumbo”? Nem mesmo as palavras e as formulações linguísticas dos versos eram familiares.

Depois dessa experiência, bolsista e supervisora concordaram em “acertar o passo”, recorrendo a uma música que fosse mais próxima da realidade dos alunos. Imbuídos da vontade de encontrar uma canção mais afeita à experiência daqueles discentes escolheram um *Rap*:

A postos para o seu general	Sei que esse era um homem também
Mil faces de um homem leal	A imagem e o gesto
A postos para o seu general	Lutar por amor
Mil faces de um homem leal	Indigesto como o sequestro do embaixador
Protetor das multidões	O resto é flor, se tem festa eu vou
Encarnações de célebres malandros	Eu peço, leia os meus versos, e o protesto é show
De cérebros brilhantes	Presta atenção que o sucesso em excesso é cão
Reuniram-se no céu	Que se habilita a lutar, fome grita horrível
O destino de um fiel, se é o céu o que Deus quer	A todo ouvido insensível que evita escutar
Consumado, é o que é, assim foi escrito	Acredita lutar, quanto custa ligar?
Mártir, Mito ou Maldito sonhador	Cidade chama vida que esvai por quem ama
Bandido da minha cor	Quem clama por socorro, quem ouvirá?
Um novo messias	Crianças, velhos e cachorros sem temor
Se o povo domina ou não	Clara meu eterno amor, sara minhas dores
Se poucos sabiam ler	Pra não dizer que eu não falei das flores
E eu morrer em vão	Da Bahia de São Salvador Brasil
Leso e louco sem saber	Capoeira mata um mata mil, porque
Coisas do Brasil, super-herói, mulato	Me fez hábil como um cão
Defensor dos fracos, assaltante nato	Sábio como um monge
Ouçam, é foto e é fato a planos cruéis	Antirreflexo de longe
Tramam 30 fariseus contra Moisés, morô	Homem complexo sim
Reaja ao revés, seja alvo de inveja, irmão	Confesso que queria
Esquina revelam a sina de um rebelde, óh meu	Ver Davi matar Golias
Que ousou lutar, honrou a raça	Nos trevos e cancelas
Honrou a causa que adotou	Becos e vielas
Aplauso é pra poucos	Guetos e favelas
Revolução no Brasil tem um nome	Quero ver você trocar de igual
Vejam o homem	Subir os degraus, precipício

Ê vida difícil, ô povo feliz

Quem samba fica,

Quem não samba, camba

Chegou, salve geral da mansão dos bamba

Não se faz revolução sem um fuga na mão

Sem justiça não há paz, é escravidão

Revolução no Brasil tem um nome

A postos para o seu general

Mil faces de um homem leal

A postos para o seu general

Mil faces de um homem leal

Marighella

Essa noite em São Paulo um anjo vai morrer

Por mim, por você, por ter coragem em dizer.

(Mano Brown, “Mil faces de um homem leal”.

Álbum: *Marighella*)

Qual não foi nossa surpresa quando descobrimos que inclusive autor e música tiveram de ser apresentados. Embora o ritmo parecesse mais palatável àqueles adolescentes permanecia o problema de que a música não parecia tão próxima dos estudantes assim.

E foi nesse momento, depois de estudos e reflexões, que uma ideia surgiu: a de escrever com os próprios alunos uma letra que pudesse ser musicada e que expressasse o que os discentes haviam compreendido do conteúdo de toda aquela Unidade. Assim ficou a composição coletiva:

(duas vezes) A CIA tava de olho em nós
Pega os comunistas e manda para o xilindró
Torturam todo mundo e o sistema foi mantido
Ah, é capitalismo!
Ah é capitalismo!

A história começou assim
Quando a guerra chegou ao fim
A bomba atômica foi o estopim
Stalin vai construir uma para ele assim

Comunismo no oriente
Até em Cuba ele esteve presente
No Brasil vai ser diferente
Os Estados Unidos que mandam na gente

O Brasil vai ser verde amarelo
Mas nada de foice e nem de martelo

Jânio Quadros se elegeu
Tinha vassoura, mas nada varreu

O vice logo assumiu
Estava na China e voltou pro Brasil
Mas se bobear algum militar
Vai derrubar esse João Goulart

(duas vezes) A CIA estava de olho em nós
Pega os comunistas e manda para o xilindró
Torturam todo mundo e o sistema foi mantido
Ah, é capitalismo!
Ah é capitalismo!

Atenção para o que eu vou te falar
Da Ditadura Militar
Democracia vai acabar
Quando o general governar

A tortura vai ser liberada
Seu advogado vai ser espancado
Pau de arara sofre na cadeira
Você vai usar paletó de madeira

Foram anos de repressão
Sem liberdade de expressão
A imprensa era censurada
E a Ditadura legalizada

Proteger América Latina
Sair do Chile e da Argentina
Aqui era diferente
Derruba o Presidente

(duas vezes) A CIA estava de olho em nós
Pega os comunistas e manda para o xilindró
Torturam todo mundo e o sistema foi mantido
Ah, é capitalismo!
Ah é capitalismo!

A diferença entre a vivência de compor uma música, sobretudo no que diz respeito à escultura da letra, com os alunos e a utilizar produções já gravadas é que, no segundo caso, os discentes, aprenderam durante todo o processo.

Com a atividade pudemos exercitar o que recomenda Paulo Freire (1979, p. 104) quando critica o comportamento geral dos professores: “trabalhamos [os docentes] sobre o educando, não trabalhamos com ele [...] não lhe propiciamos meios para pensar o autêntico, porque [os alunos] recebendo as fórmulas que lhes damos, simplesmente as guarda”. E adverte o autor que educar deve se basear na ação conjunta e criativa entre todos os envolvidos no processo. Nesse sentido, registramos a criação coletiva da música.

Um dado relevante da experiência com a confecção de músicas independentemente do conteúdo de História para o qual apresentamos a proposta da atividade, os alunos do ensino fundamental 2 sempre se interessaram, dando várias ideias, opinando e refletindo sobre a atividade e fazendo e refazendo os procedimentos antes planejados.

É importante ressaltar que, conforme afirmaram Batista e Almeida (2014) a música é, num primeiro momento, apenas fonte de informação. O seu aproveitamento como recurso didático que produza um conhecimento efetivo por parte dos alunos, depende do desenvolvimento das habilidades críticas e interpretativas dos mesmos, afinal, “são os sujeitos, através das suas vivências prévias e da subjetividade, que atribuem significado às informações, problematizando-as ou não” (BATISTA; ALMEIDA, 2014, p. 170).

Outro aspecto positivo da utilização da música foi a aproximação entre supervisora e bolsista dos jovens do nono ano da escola pública.

Aproximar o ensino de História do cotidiano discente é necessidade reconhecida pelos profissionais de educação. Aprender História construindo narrativas é fazê-lo na medida em que refletimos sobre nossas experiências do cotidiano. Ora, se ninguém imagina sem recorrer ao que já conhece, parece-nos claro que o discente do ensino fundamental 2, para criar as histórias em quadrinhos, aproveita acontecimentos de seu dia a

dia: como consequência dessa dialética do conhecimento temos a crítica e a assimilação do conteúdo.

O conhecimento crítico da História, segundo David (2001, p.73) implica que o aluno reflita sobre suas experiências de vida, o que resulta na “historicização do cotidiano”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a música no ensino fundamental durante o desenvolvimento do subprojeto de História do PIBID/UNESP – Campus de Franca foi extremamente relevante. A música, que anteriormente não estava pensada como metodologia para o subprojeto, acabou fomentando estudos, reflexões e laboratório didático-pedagógico para supervisores, bolsistas e coordenadores.

Pensar fundamentos teórico-metodológicos para uma estratégia simples, o desenvolvimento de histórias em quadrinhos, resultou na aproximação de vários conteúdos programáticos da História à realidade dos discentes da escola pública, inclusive de temas antes considerados desinteressantes pelos alunos.

Assim, o primeiro resultado, e o mais óbvio, foi a instrumentalização teórica de uma prática utilizada, muitas vezes, apenas como decorativa no ensino da História. Mais do que isso, aprendemos a aprender com o cotidiano da prática educacional.

REFERÊNCIAS

BATISTA, B. N.; ALMEIDA, F. C. Construindo competências em Geografia e História utilizando músicas na sala de aula. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.22 n.1, 2014. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/4412/3290>>

DAVID, M. C. *Mudanças e resistências que permeiam o processo de Ensino-Aprendizagem em História*. Franca: UNESP, 2001.

FONSECA, S. G. *Didática e prática do ensino de História*. Campinas: Papirus, 2013.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

- LE GOFF, J. *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- MAFFIOLETTI, A. *Práticas musicais na escola infantil*. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. (Org.) *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 123 a 134.
- NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. B. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Caderno do Professor: história (2014-2017)*. 2014.
- _____. Secretaria da Educação. *Curriculo do Estado de São Paulo: ciências humanas e suas tecnologias*. FINI, M. I. (Coord. Geral); MICELI, P. (Coord. Área). São Paulo, 2012).
- SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.
- SEKEFF, M. L. *Da música seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.
- SILVA, E. M. H.; MENDES, M. C. F. Educação e Pesquisa: a música como suporte pedagógico na disciplina de história na Escola Estadual Paulo Pinheiro de Viveiroa. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9., 2012, João Pessoa. *Anais eletrônicos...* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012. Disponível em <histed.unicamp.br>

REFERÊNCIA CONSULTADA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. *Projeto Político Pedagógico – Curso de História*. Franca: UNESP, 2012.